



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/figura/article/view/15778>

**DOI: 0**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2021 by UNICAMP/IFCH. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

# O Novo Mundo e as heranças medievais sobre o ecúmeno: raças plinianas, antípodas e cartografia

Deyse Cristina Brito Fabrício<sup>1</sup>

Antonio Carlos Vitte<sup>2</sup>

Submetido em: 10/07/2021

Aceito em: 10/09/2021

Publicado em: 20/12/2021

## Resumo

Este artigo aborda teorias descritivas do ecúmeno durante a Idade Média que estiveram relacionadas à explicação de raças monstruosas nos extremos do mundo. Em particular, as concepções zonais configuraram arcabouços para a existência do continente antípoda, levantando especulações sobre sua habitabilidade, conforme os padres da Igreja. Entendendo o Novo Mundo como uma extensão das bordas do ecúmeno projetada principalmente no século XVI, discutimos as heranças teratológicas medievais por meio das raças plinianas e antípodas na cartografia.

**Palavras-chave:** Cartografia na Idade Média; teratologia; cosmologia.

---

<sup>1</sup> Geógrafa, Mestra em Ensino e História de Ciências da Terra. Doutoranda em Ensino e História de Ciências da Terra. Instituto de Geociências, Unicamp. Bolsista do CNPq. <http://lattes.cnpq.br/2020224195878161> <https://orcid.org/0000-0001-7485-6678>

<sup>2</sup> Geógrafo, professor curso de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Programa Pós-Graduação em Ensino e História das Ciências da Terra, Instituto de Geociências, Unicamp. Pesquisador CNPq. <http://lattes.cnpq.br/0969451922378335> - <https://orcid.org/0000-0002-8917-7587>.

## ***Abstract***

This article addresses descriptive theories of ecumenum during the Middle Ages related to the explanation of monstrous races at the ends of the world. In particular, the zonal conceptions configured frameworks for the existence of the antipode continent, raising speculation about its habitability, according to the Church Fathers. Understanding the New World as an extension of the borders of the ecumenum projected mainly in the 16th century, we discuss medieval teratological inheritances through the Plinian and antipodes races in cartography.

**Keywords:** Cartography in the Middle Ages; teratology; cosmology.

## **Introdução**

No contexto das concepções medievais sobre o mundo conhecido e as descrições cosmológicas sobre a esfericidade da Terra, foram imaginados seres habitando o limiar do ecúmeno e da humanidade. Essas projeções de medo e curiosidade sobre o que há além dos limites humanos foi associada às características maravilhosas de seus habitantes, incluindo seu papel do monstruoso.

Este texto tem como objetivo levantar características de teorias medievais sobre o mundo para entender como, espacialmente, foram localizados os habitantes monstruosos. Para isso, entram em diálogo escritos dos padres da Igreja, como Santo Agostinho e Isidoro de Sevilha, associados às descrições geográficas enciclopédicas que manifestaram seu legado em artefatos cartográficos. Tal arcabouço documental leva a uma segunda proposição, que é relacionar aspectos da cartografia quinhentista às próprias raças monstruosas tradicionais do repertório medieval, a partir de ilustrações e adornos encontrados em mapas do período.

Nota-se, também, que concepções sobre os limites do ecúmeno, este entendido como o marco da habitação humana, se manifestam de forma cambiante e a projeção do que havia nas bordas do mundo passou por mutações no período de transição entre Idade Média e Renascimento. Desse modo, o trabalho cosmográfico reconfigurou-se por meio do acesso a fontes que continuaram muito variadas, incluindo relatos de viagens contemporâneos aos cartógrafos e descrições da Antiguidade em coexistência. Diversas posições explicativas a respeito da Terra eram selecionadas na confecção de mapas, resultando em representações por vezes mais acuradas dos locais mais percorridos, em concomitância à consulta de fontes mais antigas para outras localidades, com menos textos informativos disponíveis. Assim, embora geralmente se divulgue que os mapas a partir do século XVI se tornaram cada vez mais precisos, são necessários olhares mais apurados a respeito do peso da tradição anterior que, por sua vez, é de difícil delimitação e escopo, já que heranças da Antiguidade passaram por leituras e interpretações de teóricos medievais.

## ***Ecúmeno e cosmologias medievais***

Conforme W. G. L. Randles, entre os séculos XII e século XV a esfericidade terrestre medieval se situava em “nível da astronomia”<sup>3</sup>. Porém, como o mundo conhecido compreendia minimizada parte da esfera, era viável representá-lo como plano, em formato de disco. Desse modo, segundo o referido autor, houve o predomínio de duas vertentes de pensamento para explicar o formato e a configuração da Terra, em meio ao par plana/ecúmeno; esfericidade/astronomia: a síntese bíblico-cratesiana e a síntese bíblico-aristotélica. Além disso, foi possível acrescentar um terceiro modelo, bastante influente na Idade Média e intercambiável com os outros dois: a teoria macrobiana das cinco zonas<sup>4</sup>.

Comentando determinadas concepções da Antiguidade grega, baseada na configuração simétrica das *klimata*, o escritor latino Macróbio (século IV) descreveu o mundo conhecido por meio de cinco zonas, dispostas como espelho. As zonas polares seriam inabitadas pelo frio excessivo, bem como a zona central, tórrida, inabitada pelo intenso calor. As regiões habitadas, entre os extremos climáticos, compreenderiam as áreas temperadas, que eram parte do mundo conhecido na porção norte e *terra incognitae* na parte austral. O calor extremo da zona tórrida impediria o intercâmbio entre as duas zonas temperadas sendo interdito atingir a zona temperada austral a partir do ecúmeno<sup>5</sup> (MACROBIO, 2005, p.133).

Efetivamente, a teoria das cinco zonas na Idade Média veio a constituir uma simplificação de outra teoria do *corpus* de escritos cosmológicos medievais: a síntese bíblico-cratesiana<sup>6</sup>. Nesse esquema, a Terra era basicamente constituída por canais oceânicos que atravessavam o centro

---

<sup>3</sup> RANGLES, W. G. L. **Da terra plana ao globo terrestre**: uma rápida mutação epistemológica (1480-1520). Lisboa: Gradiva, 1990, p.11.

<sup>4</sup> RANGLES, op. cit., p.14.

<sup>5</sup> MACROBIO, A. T. **Comentarios al Sueño de Escipión**. Madrid: Siruela, 2005, Livro II, Cap. V, Vers. 31, p.133.

<sup>6</sup> RANGLES, op. cit., p.15.

da esfera, segmentada em dois hemisférios, cada um contendo duas ilhas. “Existiam duas terras habitadas no hemisfério norte e duas no sul, separadas por espécies de canais oceânicos dispostos em cruz”<sup>7</sup>. Na interpretação medieval corrente, a porção habitada era constituída por uma única ilha em meio às águas, que apartavam as outras três massas de terra, impedindo a comunicação<sup>8</sup>.

Haja vista o diminuto ecúmeno, composto somente por uma das quatro ilhas, estas foram “reduzidas a duas” durante o Medievo, uma em cada hemisfério<sup>9</sup>. Desse modo, acoplava-se a teoria grega das cinco zonas com as concepções do filósofo e geógrafo Crates de Malos (180a.C.-150a.C.), que admitia o orbe esférico. Na época de ascensão do Império Romano, o estudioso alocado na prestigiosa biblioteca de Pérgamo considerou as medições e a cartografia gregas do período helenístico acrescidas de teorias mais especulativas, baseadas na literatura homérica e na filosofia. O geógrafo interpretou que os poemas de Homero deixavam evidentes a crença na Terra esférica e, dessa maneira, confeccionou seu globo<sup>10</sup>.

A síntese bíblico-cratesiana<sup>11</sup> pode ser identificada no Medievo levando em conta que o mundo habitado e conhecido passou a corresponder somente a uma ilha, que seria a zona temperada boreal, no esquema da teoria das zonas. Tal simplificação adveio de fatores religiosos que discordavam da existência de habitantes nas outras massas de terra além do ecúmeno, este alocado no hemisfério norte<sup>12</sup>. Levando em conta os esboços do ecúmeno e as concepções astronômicas, colocava-se em discussão a ideia de que poderia haver habitantes em outra ilha ou zona da Terra.

---

<sup>7</sup> ECO, U. **História das terras e lugares lendários**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p.13.

<sup>8</sup> CARVALHO, M. S. de. **A geografia desconhecida**. Londrina: EDUEL, 2006, p.4.

<sup>9</sup> RANGLES, op. cit., p.15.

<sup>10</sup> HARLEY, J. B.; WOODWARD, D. Greek Cartography in the Early Roman World. In: HARLEY, J. B.; WOODWARD, D. **The History of Cartography**. Chicago, Illinois: The University of Chicago Press, vol. 1, p.161-176, 1987, p.164.

<sup>11</sup> RANGLES, op. cit., p.15.

<sup>12</sup> BROTON, J. **Uma história do mundo em doze mapas**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2014, p.48.

A existência ou não de uma massa de terra ao sul, tangenciando o ecúmeno (*antoikoi*), levantou variadas questões sobre a existência de habitantes com “cabeça para baixo”: os antípodas<sup>13</sup>. A possibilidade de habitantes fora do ecúmeno, ainda mais numa zona austral totalmente isolada e sem correspondências não se harmonizava com a prerrogativa da única descendência do pai Adão. Não poderia haver habitantes desconhecidos da cristandade, o que levou à proposição geral de que a humanidade se encontraria somente na zona temperada do hemisfério norte<sup>14</sup>.

Outra teoria citada por Randles<sup>15</sup> é a síntese bíblico-aristotélica, releitura não necessariamente “tomada do filósofo”. Admitia-se, igualmente, a esfericidade da Terra a partir das esferas concêntricas e harmônicas compondo o universo, com suas segmentações e diferenciações nos âmbitos sublunar e supralunar. Esse tipo de explicação cosmológica baseara-se muito na simetria, propondo que os corpos celestes e a configuração da Terra se dispunham de modo harmônico, embora o mundo sublunar, especificamente, esteja fadado ao perecimento e às mudanças nas proporções e movimentos entre os quatro elementos. A síntese bíblico-aristotélica entendia que os elementos sublunares estavam distribuídos em esferas e que a massa de terra era insignificante se comparada à proporção do elemento água, o que resultavam um ecúmeno plano<sup>16</sup>.

É sobressalente que as referidas teorias sobre o mundo habitado não devem ser lidas de maneira segmentada. As compilações medievais eram tributárias de várias tradições cosmográficas que foram se estendendo, inclusive, até o século XVI. As sínteses bíblico-cratesiana e bíblico-aristotélica acomodaram um ecúmeno plano por este apresentar

---

<sup>13</sup> BROTTON, op. cit., p.48.

<sup>14</sup> RANDLES, op. cit., p.15.

<sup>15</sup> RANDLES, op. cit., p.13.

<sup>16</sup> RANDLES, op. cit., p.14.

dimensões ínfimas, mesmo que, em nível cosmológico, fosse afirmada a esfericidade da Terra. Essas duas sínteses dialogaram com a teoria das cinco zonas pela adoção de uma única ilha habitada, havendo justaposições de ideias.

Contudo, as categorizações de Randles devem ser entendidas de forma menos rígida, visto que uma controvérsia medieval importante não residiu propriamente na esfericidade da Terra, que era majoritariamente admitida, mas na porção que o mundo habitado ocupava. A teoria bíblico-aristotélica é entendida, então, pelo viés cosmológico que torna a proporção de água superdimensionada em relação ao ecúmeno. Por isso, a crítica a Randles reside na configuração de narrativa única que desconsidera, em determinada medida, a multiplicidade de explicações sobre o próprio ecúmeno<sup>17</sup>.

Em acréscimo, Angelo Cattaneo<sup>18</sup> escreveu sobre a cosmografia no recorte entre os séculos XIII e XVI focando a perspectiva cultural a partir de trocas e circulação de conhecimentos. Para o autor, a cosmografia do período é retratada como a descrição da Terra situada no universo, compondo a *imago mundi* representada não só por descrições textuais, mas também por obras imagéticas, ambas em diálogo. Desse modo, admite-se a interface do conhecimento cosmográfico por diversas tradições explicativas em difusão pelas redes comerciais e diplomáticas mediterrâneas, bem como a articulação de tradições livrescas nos ambientes letrados. Há um misto de fontes heterogêneas compiladas, remontando à Antiguidade.

Em relação à cosmologia cristã, houve a superposição desta base à astronomia ptolomaica, com marcado intuito de conceber a Terra no âmbito da Criação divina. A astronomia aristotélica também foi influente a

---

<sup>17</sup> CORMACK, L. B. Flat Earth or round esphere: misconceptions of the shape of the Earth and the fifteenth-century transformation of the world. *Ecumene*, Vol.1, Nº 4, p. 363-385, 1994, p.368.

<sup>18</sup> CATTANEO, A. European Medieval and Renaissance Cosmography: A Story of Multiple Voices. *Asian Review of World Histories* 4:1, p. 35-81, 2016.

partir da admissão dos quatro elementos operantes no mundo sublunar, em proporções variadas. Sendo assim, a cosmografia medieval pode ser caracterizada como a “culminação” que leva à síntese entre a cosmologia cristã, a filosofia natural de base aristotélica preconizada pela Escolástica, bem como os autores clássicos greco-romanos, com predominância de Ptolomeu<sup>19</sup>. Não podemos esquecer, também, de que esta miscelânea englobava informações mais atualizadas, por assim dizer, como os relatos orais e escritos de viagens para a Ásia deixados por mercadores, frades mendicantes, diplomatas e peregrinos. Desse modo, eram comparadas fontes antigas e recentes, em que se conjugavam conhecimentos livrescos e práticos<sup>20</sup>.

Quanto às especulações sobre a proporção do ecúmeno, a controvérsia medieval incluiu a questão dos antípodas. Nas explicações aristotélica e ptolomaica havia um único ecúmeno, entendido como o mundo conhecido. Por sua vez, Crates de Mallos admitia outros povos além do ecúmeno e da zona tórrida, indicando outra porção de terra habitada, com a existência dos antípodas. Desse modo, explicar a habitabilidade da esfera terrestre era questão pertinente no Medievo<sup>21</sup>.

Uma questão bastante apontada por Cattaneo<sup>22</sup> é que a historiografia medieval passou a entender os diálogos entre conhecimentos cosmográficos de naturezas diferentes a partir de posições conflituosas. Havia, supostamente, a cosmografia ligada à teologia livresca e outra da experiência prática e da acurácia matemática. Porém, o autor diz que esses conhecimentos fluíram juntos no contexto de troca entre centros urbanos. Desse modo, no período que antecede as navegações ultramarinas podemos identificar como controvérsias, de fato, a extensão

---

<sup>19</sup> CATTANEO, op. cit., p.36.

<sup>20</sup> CATTANEO, op. cit., p.49.

<sup>21</sup> CORMACK, op. cit., p.368.

<sup>22</sup> CATTANEO, op. cit.

do ecúmeno e a habitabilidade da Terra, inserindo a questão dos antípodas.

Em suma, para Aristóteles e Ptolomeu, fontes antigas importantes em fins da Idade Média, o ecúmeno (*oekemene*) era sinônimo de mundo conhecido no sentido de que era único<sup>23</sup>. Por sua vez, Crates de Mallos pode ser considerado proponente de uma “teoria alternativa” que admite quatro massas de terra, cada uma situada em hemisfério específico. O interessante a destacar é a possibilidade de existirem outros locais habitados na Terra, com destaque para os antípodas, que permaneceriam isolados pela ação da Zona Tórrida intransponível<sup>24</sup>. Ou seja, outra controvérsia do período é habitabilidade do mundo, na qual se incorpora também a teoria das cinco zonas, que apresenta a possibilidade de habitantes na zona temperada austral, além do mundo conhecido da zona temperada setentrional. Pela influência religiosa, porém, a massa de terra austral não admitia habitabilidade, sendo esta a ideia prevalecente<sup>25</sup>.

### ***Raças plinianas***

As raças monstruosas foram admitidas no Medievo conforme tradição literária da Antiguidade. Compreendendo que, durante a Idade Média, além da coexistência de teorias, não houve “transformação revolucionária” na forma como a cosmografia era concebida, os monstros têm um lugar num universo que pouco se modificou<sup>26</sup>, com significância no esquema cristão de mundo, em que a cada lugar é atribuído “um juízo de valor geral deduzido de sua situação na hierarquia universal”<sup>27</sup>.

---

<sup>23</sup> CORMACK, op. cit., p.368.

<sup>24</sup> CORMACK, op. cit., p.368.

<sup>25</sup> CORMACK, op. cit., p.369.

<sup>26</sup> KAPPLER, C. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1993, p.13.

<sup>27</sup> KAPPLER, op. cit., p.32.

É por essa ótica que os monstros cumprem seu papel em meio ao todo, que é ordenado e criado pela divindade. Nesse sentido, os monstros são *mostras* dos desafios da explicação e ordenamento do mundo, atraindo atenção por desafiarem a ordem instaurada. “O problema essencial é representado pela relação entre os monstros e a ideia de harmonia e perfeição do universo”<sup>28</sup>.

Numa ótica direcionada às concepções espaciais, o monstro está em relação ao lugar que habita, ambos se explicando diretamente<sup>29</sup>. Isso atribui ao ecúmeno papel bastante singular no Medievo, levando em conta que as concepções da ordem e do funcionamento do universo também abrangem o “mundo às avessas”.

Por sua natureza e situação no universo, certos lugares estão predestinados a uma função mítica, a uma germinação maravilhosa e surpreendente. Se o lugar em que se encontra é a primeira razão de ser de qualquer coisa, é nele também que reside a explicação para o monstro: esse é literalmente produzido pela terra que o contém<sup>30</sup>.

Assim, além do ecúmeno constituir uma questão quanto ao seu formato e extensão, há os habitantes de suas bordas, que merecem ser incluídos na explanação por constituírem parte desse habitat e, ao mesmo tempo, conjugarem dilemas aos teóricos medievais. No jogo entre macrocosmo e microcosmo opera uma simbologia dos lugares, já que cada localização se situa em relação ao todo, semelhante a um jogo de espelhos<sup>31</sup>.

A humanidade das raças monstruosas foi questionada. Costumes e aparência curiosa sugeriram à mente medieval igual curiosidade na

---

<sup>28</sup> KAPPLER, op. cit., p.422.

<sup>29</sup> KAPPLER, op. cit., p.46.

<sup>30</sup> KAPPLER, op. cit., p.31.

<sup>31</sup> KAPPLER, op. cit., p.13.

condição espiritual, suscitando problemas aos cristãos. Se a humanidade é uma a partir da descendência de Adão, como explicar as raças monstruosas dos confins da terra? Essa proposição correspondeu a uma “tensão moral” que permeou o Medievo<sup>32</sup>, considerando o papel de autoridades eclesiásticas, como Santo Isidoro de Sevilha e Santo Agostinho.

No Livro XVI do segundo tomo da obra *A Cidade de Deus*, Agostinho de Hipona adentra a questão da existência de monstros justamente por defender a descendência una de Adão. O autor cita várias raças monstruosas que perfaziam a tradição teratológica, sem afirmar claramente ou negar-lhes a existência. “Mas ninguém é obrigado a crer na existência dessa série de homens que dizem existir”<sup>33</sup>. O capítulo é um prosseguimento de comentários sobre a descendência de Noé, entendendo que o povoamento do mundo fora distribuído somente pelos três filhos do patriarca após o Dilúvio, pertencendo os homens a uma única descendência, seguindo o relato bíblico.

Quem será capaz de lembrar todos os seres humanos nascidos dessemelhantes em extremo dos que os geraram? E como não é possível negar que tais indivíduos se originam daquele único pai, é preciso confessar que povos cujo corpo, segundo a História, é como que desorbitado e contrário ao curso ordinário da natureza, de que gozam todos ou quase todos, se é possível aplicar-se-lhes a definição de animais racionais e mortais, também procedem do tronco único do primeiro homem. Supomos, claro está, serem verdadeiras as coisas contadas (...). Não se deve, por conseguinte, parecer-nos absurdo haver certas raças monstruosas no gênero humano pois é igual ao caso de haver indivíduos

---

<sup>32</sup> COSGROVE, D. E. **Apollo's eye**: a cartographic genealogy of the earth in the western imagination. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 2001, p.24.

<sup>33</sup> AGOSTINHO. **A cidade de Deus**: contra os pagãos. 2a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990, vol. II, Livro XVI, Cap.VIII, p.229.

monstruosos em determinada nação. Assim [...], direi que não passam de pura novela as coisas escritas sobre algumas nações, que, se se trata de realidade, não são homens ou que, se homens, descendem de Adão<sup>34</sup>.

Agostinho cita raças monstruosas plinianas, como os pigmeus, ciclopes, andrógenos, cinocéfalos – homens com cabeças de cão, apontando a referência livresca das mesmas. “E assim de outra infinidade de homens ou quase-homens (...) extraídos dos livros como de histórias das mais curiosas”<sup>35</sup>. Agostinho, porém, nega veementemente a existência dos antípodas, considerando que tais seres não poderiam descender de Adão, além de não poderem viver “abaixo” do ecúmeno. Dito de outra maneira, os Antípodas não poderiam existir porque o Evangelho é capaz de abarcar toda a humanidade, o que seria impossível com a existência de um continente habitável, mas inacessível à missão catequética<sup>36</sup>. “Quando ele [Santo Agostinho] discute a existência de raças monstruosas, a sua preocupação é manter unidade da espécie humana e, através dela, a salvação que devia abranger todos os homens”<sup>37</sup>. Agostinho insere a temática das raças monstruosas identificando potenciais cristãos, uma vez que a conversão foi tema fascinante para os medievais<sup>38</sup>.

Por sua vez, Isidoro de Sevilha, no século VII, fez menção à mesma passagem acima citada, escrita por Agostinho. O caminho teórico do bispo de Sevilha demonstrou maior preocupação com as etimologias, compondo justamente o título de sua obra mais difundida. O estudioso demonstrou no Livro XI que os monstros não são *contra naturam* (contra a lei da natureza), como advogavam os escritos romanos, mas são manifestações da vontade divina.

---

<sup>34</sup> AGOSTINHO, op. cit., p.223.

<sup>35</sup> AGOSTINHO, op. cit., p.229.

<sup>36</sup> FRIEDMAN, op. cit., p.48.

<sup>37</sup> GIL, J. **Monstros**. Lisboa: Relógio D'Água, 2006, p.29.

<sup>38</sup> FRIEDMAN, op. cit., p.59.

Os monstros *mostram* algo à humanidade através de portentos ou portentosos, indicando, também, determinados presságios. Os portentosos são classificados por Sevilha como totalmente metamorfoseados. Citando o Livro VII da *História Natural* de Plínio (século I d. C.), o bispo hispânico menciona que uma mulher deu à luz a uma serpente. Os portentos, por sua vez, são aqueles que nascem com “ligeira alteração”. Aqui, Sevilha utiliza exemplos de Agostinho ao se referir a casos individuais, pois o portento “experimenta uma ligeira alteração; por exemplo, o que nasce com seis dedos”<sup>39</sup>.

O mencionado Livro XI das *Etimologias* se dedica a descrever a natureza do homem, citando inicialmente o enciclopedista romano Varrão (século I a.C.), para quem os prodígios (*portentum*) eram sinais ou presságios. Em raciocínio semelhante, o eminente enciclopedista cristão acreditava que o monstro conserva sua característica de advertência, com a distinção de que está contextualizado no seio da criação divina<sup>40</sup>. Por isso, acreditando no viés teológico, Sevilha sustentava que os portentos são *contra naturam* apenas em relação à natureza conhecida<sup>41</sup>.

1. Varrão diz que portentos são as coisas que parecem nascer contra a lei da natureza. Na verdade, não ocorrem contra a natureza, pois acontecem por vontade divina, e a vontade do Criador é a naturalização de tudo o que foi criado (...). 2. Consequentemente, o portento não se realiza contra a natureza, mas contra a natureza conhecida<sup>42</sup> (tradução livre).

---

<sup>39</sup> SEVILLA, I. de. **Etimologías**. OROZ RETA, Jose; MARCOS CASQUERO, Manuel Antonio; DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C. (Orgs). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, vol. 2, 1992, p.49.

<sup>40</sup> LECOUTEUX, C. **Les monstres dans la pensée medievale europeenne**: essai de presentation. 3e ed. rev. et corr. Paris: Univ. de Paris-Sorbonne, 1999, p.9.

<sup>41</sup> FRIEDMAN, op. cit., p.112.

<sup>42</sup> Varrón disse que portentos son las cosas que parecen nacer contra de la ley de la naturaliza. Em realidade, no acontecen contra la naturaliza, puesto que suceden por voluntad divina, y volundar del Creador es la naturaliza de todo lo creado [...]. 2. Em consecuencia, el portento no se realiza en contra de la naturaleza, sino en contra de la naturaleza conocida (SEVILLA, op. cit., p.47).

Em seguida, Sevilha catalogou os monstros conforme seu viés enciclopédico e etimológico, realizando o movimento intelectual de deslocar os indivíduos do âmbito das raças monstruosas como um todo, novamente remontando a Agostinho. O bispo hispânico citou as raças monstruosas que supostamente habitariam a Índia e a Líbia.

15. Os cinocéfalos recebem seu nome por terem cabeça de cachorro; seus próprios latidos mostram que são mais bestas do que homens. Eles nascem na Índia. 16. A Índia também gera Ciclopes. E são chamados de “ciclopes” porque têm um olho no meio da testa (...). 17. Acredita-se que os blemmyas nasceram na Líbia, que têm o tronco sem cabeça e têm boca e olhos no peito. Tem outras que, sem o tronco, ficam com os olhos nos ombros (...). 23. Dizem que na Etiópia está o povo dos ciápodos, dotado de pernas extraordinárias e extrema velocidade. Os gregos os chamam de skiópodai porque durante o verão, deitados de costas no chão, protegem-se com a enorme magnitude de seus pés. 24. Na Líbia habitam os antípodas, que têm a planta dos pés voltada para trás do calcanhar e neles oito dedos (...). 26. Diz-se que na Índia existe um povo chamado makróbioi, que tem quase quatro metros de altura. Também naquele país vive outro povo de um côvado de altura, a quem os gregos – por medirem precisamente um côvado – chamam de pigmeus<sup>43</sup> (tradução livre).

---

<sup>43</sup> 15. Los *cynocéfalos* deben su nombre a tener cabeza de perro; sus mismos ladridos ponen de manifiesto que se trata más de bestias que de hombres. Nacen en la India. 16. También la India engendra *ciclopes*. Y se les denomina “ciclopes” porque ostentan un ojo en medio de la frente [...]. 17. Se cree que en Libia nacen los *blemyas*, que presentan un tronco sin cabeza y tienen en el pecho la boca y los ojos. Hay otros que, privados de cerviz, tienen los ojos en los hombros [...]. 23. Dicen que en Etiopia existe el pueblo de los *esciopodas*, dotados de extraordinarias piernas y de velocidad extrema. Los griegos los denominan *skiópodai* porque durante el verano, tumbados de espaldas sobre la tierra, se dan sombra con la enorme magnitud de sus pies. 24. En Libia habitan los *antipodas*, que tienen las plantas de los pies vueltas tras los talones y en ellas ocho dedos [...]. 26. Se cuenta que en la India existe un pueblo a quien llaman *makróbioi*, que miden doce pies. También en aquel país vive otro pueblo cuya estatura es la de un codo, y quienes los griegos – por medir un codo precisamente – llaman pigmeos (SEVILLA, op. cit., p.51).

## **Mapas macrobianos**

Os mapas medievais tipo macrobianos apresentam aspecto esquemático, em que a Terra, concebida como vasta esfera, apresenta duas zonas temperadas. Apenas uma estreita faixa do mundo é habitada, a zona temperada meridional. Visto que os mapas zonais adotaram a ideia de esfericidade da Terra por representá-la como um todo, a questão dos Antípodas é acentuada. O continente austral, ao sul da zona tórrida, poderia conter habitantes ou raças monstruosas, segundo parâmetros simétricos. Esse tipo de artefato trabalha com informações puramente teóricas e esquemáticas sobre a habitabilidade ou não de uma zona climática, sem preocupações com os eventos históricos fornecidos pelos mapas de roda<sup>44</sup>.

Em comparação, para os mapas zonais, que incluem o elemento clima, as raças monstruosas existem associadas aos extremos. Já esse relacionamento nos mapas medievais circulares T-O é bem menos nítido. Nesse caso, estamos falando em termos de tradição religiosa e de textos consagrados como verdadeiros e incontestáveis, que postulavam a localização das raças plinianas nos extremos da Terra. Assim, há sutil diferença no modo como eventualmente se localizam as raças monstruosas, embora ambos confluem para os extremos da Terra, mesmo que sob diferentes perspectivas. Na Fig. 1 podemos observar a banda de monstros no extremo sul presente no Mapa de Hereford (c.1280). Este artefato segue o padrão T-O, extrapolando um delineamento esquemático do ecúmeno por meio de sua complexidade imagética.

---

<sup>44</sup> FRIEDMAN, op. cit., p.43.

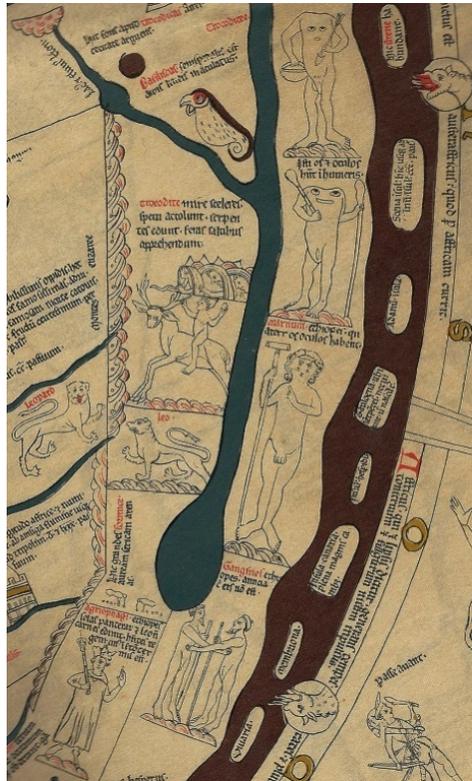


Fig. 1.

**Hereford**

Detalhe da África no Mapa de Hereford, 1280.

Sul do Rio Nilo e raças monstruosas: Blêmio, Epiphagi, Homem de quatro olhos (Marmine Ethiopes), Agriophagi (o rei com somente um único olho), Trogloditas, Gangines Ethiopes e bestas. Domínio Público<sup>45</sup>

Há uma variante dos mapas T-O que, combinada ao modelo macrobiano, produz um terceiro subtipo de representação do continente austral ou antípoda. São mapas incorporados aos manuscritos do comentário do Apocalipse do beneditino espanhol Beato de Liébana (século VIII). No âmbito dessa família de mapas, o artefato do Beato Burgo de Osma (1086) [Fig.2], por exemplo, foi modelado na estrutura T-O, cobrindo três quartos

<sup>45</sup> Disponível em: <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c4/Ebstorfer\\_Weltkarte\\_2.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c4/Ebstorfer_Weltkarte_2.jpg)>. Acesso em 13 maio 2021.

da superfície terrestre. A parte restante compõe o continente austral, em que há um ciápodó reclinado (homem de um único e enorme pé), com o sol meridional acima de sua cabeça, indicando o calor do extremo sul<sup>46</sup>.



Fig. 2  
Mapa do Burgo de Osma, 1086  
Archivo de la Catedral Cod. 1, ff.34v-35 [I]<sup>47</sup>

O mapa de Osma é icônico não só por mesclar os tipos T-O e zonal. Apesar de já indicar certa transição no mapeamento, que não compactuava somente com uma visão histórico-linear da salvação cristã na cartografia, ainda há a representação do Paraíso retangular no topo do

---

<sup>46</sup> FRIEDMAN, op. cit., p.40.

<sup>47</sup> Disponível em: <https://www.myoldmaps.com/early-medieval-monographs/20714-osma.pdf>, acesso em 13 maio 2021.

mapa, de onde emanam quatro rios a irrigar o ecúmeno<sup>48</sup>. A temática principal desse mapa é a difusão do cristianismo pelo mundo a partir dos Apóstolos, tal como descrito no livro bíblico do Apocalipse. Ou seja, há a ideia de que, assim como os rios do Éden, os evangelhos trariam vida ao mundo<sup>49</sup>. Por esse viés, com a vinda de Cristo, “todas as regiões e terras da Terra se tornaram campo sagrado da ação divina”<sup>50</sup> (tradução livre).

Os mapas híbridos, que mesclavam os estilos zonal e T-O, são sintomas da perda da junção religiosa entre tempo e espaço nos artefatos cartográficos, atribuindo importância crescente à busca pela mensuração, de forma que dados contemporâneos sobre conhecimentos geográficos fossem levados em conta. Desse modo, a partir do século XV, a importância atribuída às representações do Jardim do Éden é minimizada de forma gradativa, já que a busca pela precisão insere objetivos diferentes dos preconizados pelo modelo T-O. As orientações dos mapas à época multiplicam-se e alteram-se, havendo quebra na relação entre cartografia e a progressão leste-oeste com o Oriente no topo<sup>51</sup>.

## ***Navegações***

Durante o Renascimento, as viagens transoceânicas e as ideias sobre as regiões longínquas conjugavam tradições clássicas e bíblicas. Nesse período eram repensados não somente os limites do ecúmeno, mas também os limites do humano e do monstruoso<sup>52</sup>. Por isso, houve transformações na imagem da Terra de forma paralela à própria representação da humanidade. Entretanto, também são atestadas

---

<sup>48</sup> SCAFI, A. **Maps of paradise**. Hong Kong: University of Chicago Press, 2013, p.49.

<sup>49</sup> SCAFI, op. cit., p.50.

<sup>50</sup> “(...) All the regions of the earth became the holy field of divine action” (SCAFI, op. cit., p.49).

<sup>51</sup> SCAFI, op. cit., p.90.

<sup>52</sup> DAVIES, S. **Renaissance Ethnography and the Invention of the Human: New Worlds, Maps, and Monsters**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p.10.

permanências de tradições livrescas medievais<sup>53</sup>. Os mapas participaram desse processo no sentido epistemológico e etnográfico de invenção das comunidades projetadas em lugares distantes. O que era considerado inabitado passou a ser habitado no contexto contraditório da articulação entre autoridades antigas e experiências de viagens<sup>54</sup>. É importante observar que os mapas articulavam essas mutações e articulações entre as tradições clássicas e os povos plinianos nas bordas do mundo conhecido.

O Novo Mundo por nós referido abrange “as duas seções do continente americano e a região centro-oeste da África”<sup>55</sup>. São áreas que representaram a incógnita do que está além do precedente mundo conhecido<sup>56</sup>. Assim, é necessário nos determos nas concepções medievais das raças plinianas, que irão exercer papel explicativo de mundo em mapas renascentistas. Essas raças serão transferidas para o Novo Mundo, projeção favorecida pelas dúvidas sobre sua ligação com a Ásia, pairando questões sobre uma massa de terra separada ou não. Conforme as ideias maravilhosas sobre a Ásia, não é surpreendente que tais cenários oníricos fossem transplantados.

Cristóvão Colombo acreditou piamente ter chegado à Ásia e a tradição já há muito lhe atribuía habitantes com características monstruosas. Era necessário mobilizar essa herança para que houvesse entendimento dos habitantes do Novo Mundo que minimamente se encaixassem em descrições e explicações da humanidade convincentes para o cristianismo. Trata-se da atribuição de uma harmonia que hesitou em ser quebrada, conferindo a cada povo sua “localização” geográfica e histórica, ambas

---

<sup>53</sup> DUVERNAY-BOLENS, J. Les Géants Patagons ou l'espace retrouvé: Les débuts de la cartographie américaniste. *L'Homme*, 28 (106/107), p. 156-173, 1988, p.158.

<sup>54</sup> DAVIES, op. cit., p.25.

<sup>55</sup> THORNTON, J. K. **A África e os africanos**: na formação do mundo atlântico, 1400-1800. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2004, p.54.

<sup>56</sup> VAN DUZER, C. *Hic sunt dracones*: the geography and cartography of monsters. **The Ashgate Research Companion to Monsters and the Monstrous**, p. 387-435, 2012, p.424. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315241197-30/hic-sunt-dracones-geography-cartography-monsters-chet-van-duzer>. Acesso em 10 jul. 2021.

como fatores explicativos da própria etnografia. Por isso, era necessário “interpretar” o que os europeus haviam “ouvido e visto em termos familiares”<sup>57</sup>.

Entre as projeções das *mirabilia* e dos habitantes do Oriente estão a fauna americana, com animais que não faziam parte dos catálogos de história natural. Muitas vezes a descrição deles ocorria evocando características de um animal já conhecido, às vezes atribuindo-lhe nome semelhante. Quanto às raças plinianas, cenas de pigmeus enfrentando os pássaros grou ou das amazonas foram comuns na descrição desse Novo Mundo tão intrigante<sup>58</sup>. Os cinocéfalos e ciclopes tiveram igualmente seu espaço na cartografia e em relatos de viagens<sup>59</sup>.

Colombo vai remeter à teratologia medieval em seu diário quando menciona *ciclopes, cinocéfalos, antropófagos (...)*. Todas essas criaturas monstruosas descritas no diário de Colombo foram herdadas da tradição clássica greco-romana e acreditava-se que praguejavam nas fantásticas terras orientais da Líbia e da Ásia, nas muitas ilhas ocidentais e nas antípodas<sup>60</sup>.

O cartógrafo Martin Waldseemüller foi influenciado pelos relatos que circulavam sobre Américo Vespúcio, principalmente a *Quatuor Americi Vesputti Navigationes* (1507)<sup>61</sup>. Ressaltamos que o mapa *Universalis Cosmographia*, de 1507, tece homenagem icônica ao navegador florentino, nomeando o Quarto continente como *América*. No referido artefato, Waldseemüller conjuga o esquema de Ptolomeu do mundo antigo ao

---

<sup>57</sup> VAN DUZER, op. cit., p.424.

<sup>58</sup> VAN DUZER, op. cit., p.426.

<sup>59</sup> VAN DUZER, op. cit., p.427.

<sup>60</sup> CHICANGANA-BAYONA, Y. A. **Imagens de canibais e selvagens do Novo Mundo: do maravilhoso medieval ao exótico colonial (séculos XV-XVII)**. Tradução Marcia Aguiar Coelho. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2017, p.16.

<sup>61</sup> CHICANGANA-BAYONA, op. cit., p.56.

mundo de Vespúcio, dois modelos distintos que ainda conservam topônimos medievais, inclusive situados nos confins da Ásia<sup>62</sup>. Em 1516, Waldseemüller publicou a *Carta Marina*, em que havia uma figura anexa: a *Terra Canibalorum*<sup>63</sup>. Sendo assim, processualmente“ as novas terras pouco a pouco vão ganhando um delineamento próprio como um continente de canibais e monstros”<sup>64</sup>.

O cenário em que membros humanos são pendurados vai ser reiterado pela cartografia do século XVI, bem como a situação em que europeus são colocados em espeto num ritual de canibalismo. Destacamos o mapa *Typvs cosmographicvs vniversalis* (c.1536-1555), confeccionado pelo cartógrafo Sebastian Münster, com ilustrações de Hans Holbein [Fig.3]. Há várias cenas no canto inferior esquerdo do mapa que indicam canibalismo. Sobre uma mesa a vítima é esquartejada e numa cabana são pendurados membros humanos, tal como na árvore de Waldseemüller<sup>65</sup>. A iconografia dos canibais apresentada por Holbein tece relações com figuras que acompanhavam relatos de viagens medievais ao descreverem costumes antropofágicos na Ásia, como podemos encontrar no *Itinerarium* (1410-1412) do frade mendicante Odorico de Pordenone<sup>66</sup>.

Por sua vez, conforme referências medievais de Marco Polo e a Ilha de Adaman, que são citadas em forma de legenda, o mapa-múndi de Pierre Desceliers (1550) [Fig.4] mostra um continente austral hipotético, rodeado pelo Mar das Índias Orientais, em que há cinocéfalos canibais de características monstruosas e uma perna pendurada numa árvore. Em acréscimo, na área central da África estão inseridas duas monstruosidades, bem afinadas ao imaginário de raças plinianas medievais, inclusive no

---

<sup>62</sup> DUVERNAY-BOLENS, op. cit., p.158.

<sup>63</sup> CHICANGANA-BAYONA, op. cit., p.57

<sup>64</sup> CHICANGANA-BAYONA, op. cit., p.55.

<sup>65</sup> CHICANGANA-BAYONA, op. cit., p.74.

<sup>66</sup> CHICANGANA-BAYONA, op. cit., p.75.

traço pictórico. Trata-se de um blêmio de um só olho no peito e uma criatura humana com seis braços [Fig.5].

Essas ilustrações, que por vezes aparecem como “detalhes” nos mapas quinhentistas, evidenciam legados e heranças explicativas do ecúmeno e seus habitantes. Assim, determinados artefatos cartográficos indicam e articulam as permanências da crença em povos fantásticos. As fontes livrescas da Antiguidade e Medievo que mencionamos no presente artigo continuaram muito difundidas e influentes<sup>67</sup>

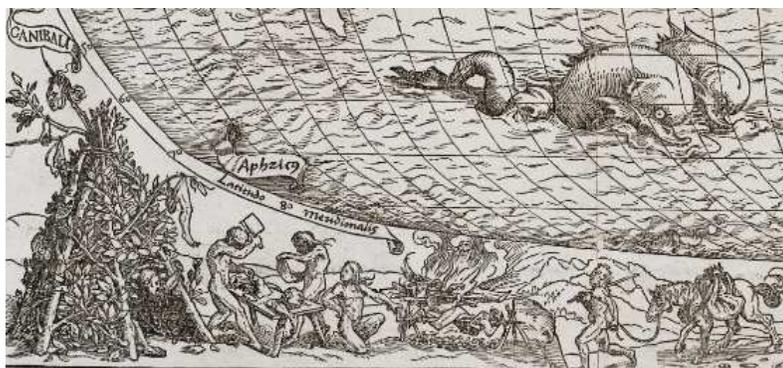


Fig. 3  
Detalhes – Canibali. *Typvs cosmographicvs vniversalis* (c. 1536 -1555). Ilustrações de Hans Holbein. Mapa de Sebastian Münster. Basileia Fonte: George A. Smathers Libraries, *University of Florida*<sup>68</sup>

---

<sup>67</sup> DUVERNAY-BOLENS, op. cit.

<sup>68</sup> Disponível em: <https://ufdc.ufl.edu/UF00077905/00001/1x>, acesso em 12 maio 2021.



Fig. 4  
**Pierre Desceliers**  
Mapa-múndi, 1550  
Detalhes dos cinocéfalos canibais.  
British Library<sup>69</sup>



Fig. 5  
**Pierre Desceliers**  
Mapa-múndi, 1550  
Detalhes de duas criaturas plinianas no centro da África. Um possível blêmio e um homem com hipertrofia de braços.  
British Library<sup>70</sup>

---

<sup>69</sup> Disponível em: <https://britishlibrary.typepad.co.uk/magnificentmaps/2015/11/a-glance-from-a-safe-distance-at-the-human-monsters-on-pierre-desceliers-world-map-of-1550.html>, acesso em 13 maio 2021.

## **Considerações finais**

Há várias características que auxiliam a identificar um monstro, conforme escritos enciclopédicos medievais. Ressaltamos que, se algo desvia da norma, é preciso que a *norma* esteja em vigor. Não há monstros sem que estejam em relação direta com a norma e, numa aproximação, estão aqueles apresentados como totalmente opostos. Aqui situamos os antípodas, os seres-espelho da norma. Seres estes que, teoricamente, habitam o hemisfério oposto, aquele que é intransponível, mas preservam as características do normativo hemisfério-norte, com a diferença de que tudo ocorre numa relação de espelhos. Assim são os habitantes antípodas, concebidos, geralmente, como um reforço da simetria medieval. Os antípodas são o ícone do par de opostos do Medievo, intimamente relacionados com as concepções de espaço e o mundo zonal.

As relações entre raças plinianas e o Novo Mundo ficam em evidência na cartografia do século XVI, na tentativa de “encaixar” seus habitantes nas *normas* já definidas previamente na visão de mundo medieval. Por mais que os objetivos do mapeamento tenham passado por transições, elementos do imaginário apresentam permanências. Esse tema é amplo pelo viés da história da cartografia, em conjugação com diversas heranças do período, em que estão incluídos vários tipos de fontes, inclusive textos literários.

No contexto de reavaliação do que havia nos confins da Terra e da própria epistemologia em relação à humanidade, verificamos que os mapas renascentistas constituem ferramentas importantes na indicação e articulação de concepções etnográficas para o público coevo. As fontes da Antiguidade têm seu peso, indicando que a Terra Austral dos antípodas passou a ser enfatizada em vez da extensão de povos monstruosos nos confins do ecúmeno. Essas mutações de antigas crenças e concepções

---

<sup>70</sup> Disponível em: <https://britishlibrary.typepad.co.uk/magnificentmaps/2015/11/a-glance-from-a-safe-distance-at-the-human-monsters-on-pierre-desceliers-world-map-of-1550.html>, acesso em 13 maio 2021.

cosmográficas indicam, porém, que as raças plinianas continuaram a ser influentes na discussão das fronteiras entre o monstruoso e o humano.